

## **A POLÍTICA NA BANCADA: confrontação e tensionamentos nas sabatinas do JN nas eleições de 2018<sup>1</sup>**

## **POLICY ON THE BENCH: confrontation and tension in JN's sabatinas in the 2018 elections**

Carla Montuori Fernandes<sup>2</sup>  
Vinicius Borges Gomes<sup>3</sup>  
Mayra Regina Coimbra<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar as entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional com os cinco principais candidatos nas eleições presidenciais de 2018. Diante da posição marcante do telejornal em cenários eleitorais, o artigo traz a hipótese que Jornal Nacional utilizando-se das premissas da legitimidade jornalística transforma as sabatinas em espaços de debate e confrontação. Exibida no horário nobre, as sabatinas ganharam enorme visibilidade, diante do tempo de exposição dos candidatos, que em algumas circunstâncias superaram o espaço do presidencializável no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). Para compreender como o telejornal conduziu as sabatinas será utilizada metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

**Palavras-Chave:** Jornalismo Político. Eleições 2018. Jornal Nacional.

**Abstract:** This article aims to analyze the interviews conducted by the Jornal Nacional with the five main candidates in the 2018 presidential elections. Faced with the strong position of television news in electoral scenarios, the article brings the hypothesis that Jornal Nacional using the premises of journalistic legitimacy transforms the sabatinas in spaces of debate and confrontation. In prime time, the sabatinas gained enormous visibility, given the candidates exposure time, which in some circumstances surpassed the presidential space of the free television time for electoral advertising

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 8 - Jornalismo Político do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), carla.montuori@docente.unip.br

<sup>3</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP), bolsista Capes, Mestre em Comunicação na linha "Comunicação e Poder" pela Universidade Federal de Juiz de Fora, vini-bg@hotmail.com.

<sup>4</sup> Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista Capes, Mestre em Comunicação na linha "Comunicação e Poder" pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mayrarcoimbra@gmail.com.

*(HGPE). To understand how the television news conducted the sabinas will be used content analysis methodology (BARDIN, 2011).*

**Keywords:** *Political Journalism. Elections 2018. Jornal Nacional.*

---

## 1. Introdução

O Brasil passou pela oitava eleição presidencial direta desde a redemocratização. Foi também o primeiro pleito após o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), em 2016. Com 13 candidatos, a corrida ao Palácio do Planalto nas eleições de 2018 foi a mais disputada e pulverizada desde 1989, quando contou com 22 presidenciáveis. Marcado pela animosidade das campanhas e seus apoiadores, além de mudanças mais evidentes no cenário comunicacional, o pleito terminou com a eleição de Jair Bolsonaro (PSL), que derrotou Fernando Haddad (PT) em segundo turno.

O Jornal Nacional, da TV Globo, promoveu sabinas com os presidenciáveis de 27 a 30 de agosto, quando entrevistou, na bancada no telejornal, os então candidatos Ciro Gomes (PDT), Jair Bolsonaro (PSL), Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (REDE). Excepcionalmente, no dia 14 de setembro, Fernando Haddad (PT) foi o entrevistado, uma vez que havia sido confirmado como candidato do Partido dos Trabalhadores após o indeferimento da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT), preso em Curitiba e lançado primeiramente como postulante ao Planalto. O mínimo de tempo dedicado ao momento era de 25 minutos, mas o tempo excedido na primeira sabinas foi acrescido nas demais, o que totalizou 27 minutos para cada candidato. Exibidas no horário nobre, as entrevistas ocuparam significativa visibilidade na mídia televisiva, superando, inclusive, o tempo total usado por alguns dos candidatos durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE).

As cinco sabinas constituem um objeto de estudo do papel do jornalismo nas eleições de 2018 no Brasil. A relevância da discussão reside na já citada importância do pleito eleitoral, bem como no destaque que as entrevistas ganham a partir da diminuição da presença do HGPE e destinação de expressivo tempo para elas. Como questão principal, o artigo busca responder de que modo o jornalismo

enquanto ator político (ALBUQUERQUE, 2012; ALMEIDA, 2007; HALLIN; LIMA, 2006) ganha ainda mais arena, especialmente num momento em que, diametralmente, as redes sociais desafiam a estabilidade do campo jornalístico. O trabalho traz como hipótese principal a de que houve a construção de uma arena de legitimação da narrativa jornalística através de estratégias de debate e confrontação.

O artigo se construirá sobre dois pilares teóricos. No primeiro, é discutida a relação simbiótica entre o campo da política e a instância comunicativa midiática (BOURDIEU, 2011). A intenção é compreender como esses dois campos se relacionam entre si, quais as consequências dessa interação, como o poder perpassa esse jogo e como os atores envolvidos articulam entre si para a busca e manutenção dele. No segundo momento, discute-se o papel do jornalismo como “cão de guarda” (*watchdog*) e Quarto Poder (*Fourth Estate*) (ALBUQUERQUE, 2005; 2008), ao reivindicar o papel de representante dos interesses públicos. Como estratégia metodológica, é utilizada a Análise de Conteúdo, de Bardin (2011).

## **2. A relação simbiótica entre o campo da política e a instância comunicativa midiática**

Para compreender a dimensão da relação que envolve o campo da mídia e o campo da política, é necessário entender o instrumento que rege todos os campos nos quais os indivíduos sociais estão em constante busca: o poder. Segundo Foucault (1979), o poder não está localizado em um determinado ponto, estrutura ou nas mãos de alguém como um bem ou uma riqueza. Ele é algo que circula e está em todas as partes. Dessa maneira, todos os indivíduos estão envolvidos e imersos em relações de poder e não podem ser considerados alheios a essas relações. Esse poder pode e vai atuar como uma força capaz de coagir, disciplinar e controlar os indivíduos. Ou seja, trata-se de um elemento estruturante da sociedade, capaz de mantê-la hierarquicamente organizada.

Outro autor que também analisa as relações de poder é Pierre Bourdieu (2001). De acordo com ele, o poder é um instrumento simbólico e invisível, que rege todas as pessoas em sociedade. Esse poder simbólico funciona como agente de construção da realidade, que, por sua vez, tende a estabelecer uma ordem, ou seja, confere um sentido imediato do mundo. Conforme Bourdieu (2001, p. 7), ele

somente pode ser exercido com a cumplicidade dessas mesmas pessoas que estão subordinadas.

O pensamento de Bourdieu (2001) auxilia a iniciar reflexões sobre a relação sujeito-sociedade. O autor estuda a interação dialética entre a sociedade e o indivíduo, como forma de compreensão do mundo social, dos diversos espaços que o compõem, suas hierarquias e, conseqüentemente, suas lutas internas. Para compreender a sociedade, Bourdieu cria o conceito de “campo”, que, segundo ele, é um espaço estruturado, no qual os agentes interagem e competem por uma posição que os projetem como detentores de poder e lhes permitam exercê-lo. Cada espaço social corresponde, assim, a um campo específico – cultural, educacional, científico, econômico, jornalístico etc., no qual se travam lutas, a fim de determinar a posição social dos sujeitos, revelando, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de maior poder simbólico. Desse modo, é possível compreender os campos sociais não somente como campos de força, mas também como campos de lutas.

Segundo Araújo *et al.* (2009), na concepção de Bourdieu, a estrutura do campo é semelhante à estrutura de um jogo, com lutas e tensões, no qual os agentes estão cientes das regras estabelecidas e participam desse evento disputando posições e lucros específicos. Esta luta travada no interior dos campos está diretamente relacionada à distribuição e posse de um tipo de capital que se deseja obter. Ela ocorre entre aqueles que pretendem assumir posições e entre aqueles que desejam mantê-las. O que motiva os agentes a buscarem a sua posse e a elaborarem estratégias de luta é a forma como o capital específico de um campo está desigualmente distribuído e acumulado.

Se um campo é um espaço social estruturado, pode-se dizer que existe nele dominantes e dominados, que estão o tempo todo tentando mudar ou conservar o campo de forças em ação. Dessa maneira, entende-se que, dentro de um campo, há um processo cíclico e contínuo de busca ou manutenção do capital. Caracteriza, assim, os momentos de crise quando os questionamentos dos antigos dominantes são colocados em cheque e os novatos procuram alterar as posições de poder. Para Araújo *et al.* (2009), é crucial destacar que, subjacente à luta, existe o reconhecimento do mérito que envolve tal disputa. Tanto dominantes quanto

dominados estão de acordo com a importância desse jogo, contribuindo, assim, para a sua reprodução. Dessa forma, podemos compreender que a essência do campo é a luta, a transformação e os embates.

Dentro do campo da política, e de qualquer campo social, existe ainda o que Bourdieu (1986) chama de “capital simbólico” como sendo um aparato de prestígio ou de carisma que uma instituição ou indivíduo possui dentro de determinado campo, que lhe permite se destacar diante dos outros que integram esse mesmo espaço. Sendo assim, o capital simbólico possibilita que um indivíduo ou instituição desfrute de uma posição de destaque diante de um campo.

Para Miguel (2003), o capital político nada mais é do que uma forma de capital simbólico. Isto é, ele depende, em maior ou menor grau, do reconhecimento dos sujeitos presentes nesse campo. Na política, é perceptível essa luta dos agentes por capital simbólico, por exemplo, quando estes lutam por votos e/ou por popularidade, para que sejam reconhecidos, pois a sua existência se configura a partir do momento em que são vistos. Vale ressaltar que, como toda forma de capital, o capital político encontra-se desigualmente distribuído na sociedade. Devido a essa desigual distribuição, associado ao fato de ele permitir um reconhecimento imediato da dominação, o capital simbólico é, desse modo, o principal instrumento de violência simbólica quando ele impõe seu peso sobre os que não possuem ou possuem poucas possibilidades de ação dentro do campo.

Rodrigues (2001) divaga sobre as especificidades do conceito de campo e apresenta abordagens sobre o campo midiático e sua interação com o campo da política. Para ele, o corpo social de um campo é formado pelo conjunto de detentores da legitimidade, no qual a característica principal desse corpo social é a visibilidade. Esta será proporcional à sua organização; ou seja, quanto maior e mais formal for a organização de um campo, maior será a sua visibilidade, e vice-versa. Sobre os regimes de funcionamento desse espaço, o autor explica que cada campo social funciona sob um ritmo específico e com intensidade diversificada. No entanto, é necessário que eles tenham certa periodicidade, pois, caso não preserve um determinado ritmo no seu modo de funcionamento, eles tendem a diluir-se e a fazer esquecer sua presença, podendo até mesmo enfraquecer sua força coercitiva.

As dimensões dos campos sociais também são enfatizadas pelo autor. Para ele, todos os campos sociais, seja o campo da política, da mídia, da religião ou da economia, coexistem entre si. “Desta composição dos processos e das funções entre os diferentes campos sociais resultam reflexos que se projetam em cada um dos campos e os atravessam” (RODRIGUES, 2001, p. 149). A força de um campo advém da capacidade que ele possui de conseguir impor aos outros campos os seus valores e também quanto maior for o número de campos que ele conseguir projetá-los. Sobre o campo midiático, Rodrigues (2001) afirma que este cumpre o papel de mediador social - dá visibilidade a todos os outros campos sociais, incluindo a política. E mais do que dar visibilidade, ele contribui no processo de orientar a sociedade e dar sentido ao mundo por meio de sua prática.

Berger (1997) em suas discussões já apontava a superioridade do campo jornalístico como instrumento de poder simbólico. O jornalismo enquanto agente/instituição de comunicação detém o capital simbólico pela sua característica de "fazer crer".

A nossa hipótese é que o Campo do Jornalismo, detém, privilegiadamente, o Capital Simbólico, pois é da natureza do Jornalismo fazer crer. O Capital do Campo do Jornalismo é, justamente, a credibilidade. E ela quem está constantemente em disputa entre os jornais e entre estes e os demais campos sociais. (...) A credibilidade é construída no interior do jornal assim como um rótulo ou uma marca que deve se afirmar, sem, no entanto, nomear-se como tal. Credibilidade tem a ver com persuasão pois, no diálogo com o leitor, valem os "efeitos de verdade", que são cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas (BERGER, 1997, p.5).

Para a autora, atualmente o poder desse campo encontra-se na capacidade de mediar os acontecimentos e produzir sentido e significado para as organizações e os indivíduos na sociedade.

### **3. O papel dos jornalistas como agentes políticos**

Os jornalistas e as organizações jornalísticas se colocam dentro de um espaço diferenciado na sociedade, um lugar que lhes é próprio. Ao se discutir a mídia e os personagens que a compõe, não se pode esquecer do lugar que ela ocupa como formadora de opinião e também como construtora de realidades. É notadamente por essa posição central que ocupam que acabam reivindicando para

si a tarefa de serem representantes legítimos dos interesses dos cidadãos. Esse papel lhes garante inúmeros títulos, como por exemplo: Quarto Poder (*Fourth Estate*), Cão de Guarda e Poder Moderador.

Os estudos de Albuquerque (2005, 2008, 2009) contribuem nesta discussão, visto que se concentram em compreender como funciona o modelo brasileiro de mídia no papel de Quarto Poder (*Fourth Estate*). Segundo o autor, não só no Brasil, como em outros países, tornou-se muito comum descrever o papel político da imprensa como sendo um Quarto Poder. Em seus estudos preliminares, Albuquerque (2005) argumenta que, com o fim do Regime Militar no Brasil, em 1985, a mídia passou a reivindicar o exercício de um papel político mais expressivo na vida política do país - o de mediadora da relação entre os três poderes. Ela passou a se colocar como elemento crucial para o exercício da democracia e das instituições políticas brasileiras. E passou a reivindicar o papel de árbitro dos conflitos, capaz de fiscalizar as outras organizações e atuar em defesa dos cidadãos.

No entanto, Albuquerque (2008) mantém o olhar para o mesmo objeto e faz novas reflexões, sob um prisma diferente. Ele explica que a mídia ocupa um lugar de "Poder Moderador", dado o modo como os meios de comunicação se inserem na vida política do país. Ao fazer essa afirmação, o autor estabelece uma comparação que tem por base os modelos de sistemas político-midiáticos propostos por Daniel Hallin e Paolo Mancini, em seu livro *Comparing Media Systems*.

O estudo apresentado no livro abrange os países da Europa Ocidental e da América do Norte (Estados Unidos e Canadá). Por meio de quatro variáveis - 1) o nível de desenvolvimento dos mercados de mídia; 2) o grau de paralelismo entre os sistemas políticos e midiáticos, 3) o nível de profissionalismo no campo jornalísticos; 4) o nível de intervenção do Estado diante dos meios de comunicação - os autores identificam três modelos de sistemas midiáticos: o modelo Liberal, o modelo Democrático Corporativista e o modelo Pluralista Polarizado.

De um modo geral, Albuquerque (2008) explica que os modelos propostos pelos autores se mostram bastante sólidos e eficientes em sua tarefa de sintetizar as relações entre os meios de comunicação e as organizações políticas dos países analisados. No entanto, é preciso certa cautela para utilizar as generalizações de

alguns conceitos propostos. É preciso verificar as especificidades de cada país, inclusive do Brasil. Ele aponta que Hallin e Papathanassopoulos (2002 *apud* Albuquerque, 2008) sugeriram que os sistemas midiáticos de três países da América Latina (Brasil, México e Colômbia) apresentavam muitos traços em comum com os quatro países da Europa Meridional (Itália, Grécia, Portugal e Espanha) que Hallin e Mancini caracterizaram como o modelo Pluralista Polarizado.

As características deste modelo se baseavam em: 1) baixos níveis de circulação de jornais; 2) tradição de reportagens em defesa de causas; 3) instrumentalização da mídia privada; 4) polarização da radiodifusão pública e da regulamentação da radiodifusão; 5) desenvolvimento limitado do jornalismo enquanto profissão. Para Albuquerque (2008) é preciso haver alguma cautela ao generalizar o conceito de "Pluralismo Polarizado". No entanto, ser crítico ao uso indiscriminado desse conceito não é o mesmo que dizer que ele não se aplica à realidade brasileira. Conforme ele aponta, as limitações deste modelo são inúmeras diante da tarefa de compreender o sistema midiático brasileiro, com características tão próprias.

Para Albuquerque (2008) as especificidades do sistema político-midiático brasileiro não podem ser descritos corretamente tendo como base os três modelos apresentados por Hallin e Mancini, nem mesmo através de uma combinação entre eles. É através desta afirmação que ele propõe um esboço de um modelo comparativo, desta vez capaz de abranger o sistema midiático-político do Brasil, tendo como referência os três modelos propostos pelos autores.

O esboço proposto por Albuquerque se baseia em torno de duas variáveis: 1) refere-se ao grau de estruturação do sistema partidário, levando em conta o grau de influência que as clivagens partidárias desempenham junto ao governo; 2) refere-se ao grau de intervenção dos meios de comunicação nos assuntos políticos. Da combinação dessas variáveis, o autor apresenta quatro situações típicas que ele denomina de Pluralismo Polarizado, Corporativismo Democrático, Modelo Liberal e Poder Moderador.

O primeiro modelo proposto por Albuquerque (2008) é o de um sistema partidário fortemente estruturado e de uma mídia politicamente ativa. Ou seja, são



sociedades em que o sistema político se apresenta através de clivagens muito bem definidas entre os partidos, reproduzidas fielmente pelos meios de comunicação. Do outro lado, os meios de comunicação se colocam como instrumentos de intervenção na política, a serviço dos partidos políticos. De modo geral esta situação corresponde ao modelo "Pluralista Polarizado" proposto por Hallin e Mancini.

O segundo modelo é caracterizado por um sistema partidário fortemente estruturado e uma mídia politicamente passiva. Esta combinação refere-se a uma situação em que o sistema político-partidário mostra clivagens bem definidas, no entanto elas não se traduzem em fortes polarizações, ou seja, as forças políticas rivais acabam desenvolvendo interesses em comum ou estabelecendo um acordo tácito. Por sua vez, os meios de comunicação acabam refletindo essa situação e apresentam vínculos políticos perceptíveis. Tais características correspondem ao modelo "Corporativista Democrático" proposto por Hallin e Mancini.

O terceiro modelo descrito por Albuquerque (2008) baseia-se em um sistema partidário fracamente estruturado e uma mídia politicamente passiva. Esse sistema faz referência a partidos políticos com clivagens pouco nítidas. De acordo com o autor, o sistema presidencialista favorece em muito este modelo, visto que para ampliar a base de eleitores em potencial, cria-se a formação de partidos *catch-all*, com baixa definição ideológica e maior competitividade. Do outro lado, os meios de comunicação também rejeitam ideologias explícitas e caracteriza-se pelo fundamento do seu papel informativo, em detrimento do papel de interventor da realidade. Essas características referem-se ao modelo "Liberal", proposto por Hallin e Mancini.

O quarto modelo apresentado por Albuquerque (2008) refere-se a um sistema partidário fracamente estruturado e uma mídia politicamente ativa. Este seria o modelo cujas características se assemelham ao sistema político-midiático brasileiro. Nesta classificação, o sistema partidário também é pouco estruturado, no entanto difere-se do modelo anterior pelo fato de ter como acréscimo uma desconfiança generalizada ao funcionamento adequado das instituições políticas e o sentimento de que é preciso agir ou pelo menos intervir para modificar ou corrigir o seu funcionamento.

De acordo com o autor, o fato dos partidos políticos não serem suficientemente enraizados na sociedade, faz com que outros agentes passem a reivindicar este papel. É o espaço que ganha a mídia como um agente especializado em *vigiar e corrigir* as ações dos demais poderes, que segundo Albuquerque (2008) é o que acontece no Brasil, quando a mesma se coloca de modo transcendental ao fazer político e assume narrativamente este papel.

No esforço de compreender a aplicabilidade do termo "Quarto Poder" à realidade brasileira e de aperfeiçoar as pesquisas anteriores, Albuquerque (2009) afirma que o termo tem sido empregado de maneiras diferentes e com significados diversos. E se propõe a investigar as três definições de Quarto Poder: 1) o conceito de *Fourth Estate*, segundo a tradição liberal britânica; 2) o conceito de *Fourth Branch*, segundo o modelo americano de divisão de poderes; 3) a concepção de uma imprensa nos moldes de um Poder Moderador, bastante presente no modo como o conceito vigorou no Brasil.

Segundo Albuquerque (2009), o modelo de *Fourth Estate* visualiza a imprensa como um Contra-Poder. Mais do que discutir a divisão dos poderes no âmbito do governo, esse modelo compreende a imprensa como um "cão de guarda" (*watchdog*), que age em defesa dos interesses dos cidadãos e tem como objetivo promover um controle extremo das atividades do governo em nome dos interesses dos cidadãos. Para cumprir essa tarefa, a imprensa deveria ter uma postura independente em relação aos grupos dominantes.

O conceito de *Fourth Branch*, diferentemente do conceito de *Fourth Estate*, está diretamente relacionado à questão da divisão de poderes no governo. De acordo com Albuquerque (2009), o princípio de divisão de poderes foi apresentado por Montesquieu, como forma de evitar o abuso de poder, logo era necessário que "o poder freie o poder". Os três poderes diferentes identificados por ele são: o poder de fazer as leis (legislativo), o poder de administrar todos os negócios do Estado (executivo) e o poder de julgar e punir (judiciário). Sendo assim, a liberdade política só se desenvolve plenamente se estes poderes estiverem na mão de agentes diferentes.

É a partir desses conceitos que este estudo introduz um olhar crítico ao papel da mídia em um contexto eleitoral, mas que requer, ainda, um estudo específico para o objeto. Tarefa cumprida no tópico a seguir.

#### **4. Jornal Nacional e o campo político: breve retrospecto**

É recorrente no âmbito da comunicação o número de pesquisas que analisam a cobertura que o *Jornal Nacional* dispensa ao campo político. As inferências se justificam pela longa trajetória do telejornal, que completa 49 anos de existência em setembro de 2019, como também pelo tratamento que conferiu aos acontecimentos políticos durante toda sua existência.

Entre os episódios mais relevantes, deve-se considerar o agendamento oficialista do *JN* durante a ditadura militar, o investimento na candidatura de Fernando Collor de Mello (PRN), que atingiu o ponto mais alto na reedição do último debate entre os então candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Collor, no segundo turno das eleições presidenciais de 1989; o apoio ao Plano Real e as candidaturas do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), nas eleições de 1998 e 1994, além da tentativa de desqualificar a candidatura de Lula (PT) nas eleições de 2002 (LIMA, 2006) e o investimento no comprometimento do capital político do Partido dos Trabalhadores após o escândalo do mensalão, em 2005 (GUAZINA, 2011).

Segundo Souza (2016), desde o escândalo do mensalão os grupos de comunicação hegemônicos, a considerar a Rede Globo de Televisão teria investido em agenda cujo objetivo era desacreditar o governo e construir uma base popular para o golpe.

Assim como no caso do suicídio de Getúlio e do golpe articulado contra Jango em 1964, uma ampla e profunda campanha de desinformação, distorção e manipulação do tema da “corrupção seletiva” acompanhou a tentativa de destituir o PT do poder já em 2006. O Mensalão de 2005 foi um ensaio geral para o que aconteceria anos depois na Lava Jato e no processo de impedimento da presidenta Dilma (SOUZA, 2016, p. 88-48).

Nas eleições presidenciais de 2006, o *Jornal Nacional* privilegiou uma agenda que desqualificava o governo petista, sobretudo nas regiões norte e nordeste, onde o então-presidente Lula (PT), na ocasião candidato a reeleição obtinha maior

expressão popular. A *Caravana JN*, projeto veiculado nos dois meses que antecederam a votação do primeiro turno, produzida no formato de reportagens diárias das cinco regiões que compõe o mapa geográfico brasileiro, apresentou um cenário de miséria e outras tantas mazelas sociais nos municípios Norte e Nordeste do país (FERNANDES, 2009).

Com a reeleição de Lula (PT), o *Jornal Nacional* assume um enquadramento adverso ao governo petista (RUBIM, 2007), que se intensifica durante as eleições presidenciais de 2010, quando Lula (PT), indicou Dilma Rousseff (PT) como sua sucessora nas urnas. Durante o período que antecedeu a campanha de 2010, segundo atesta Neves (2011), as reportagens foram carregadas de hostilidade em relação ao governo Lula (PT) e a capacidade de Dilma governar o país, a quem a grande mídia atribuía um perfil mais técnico e burocrático.

Vitoriosa nas urnas e com elevada aprovação popular, a ex-presidente Dilma (PT) vai enfrentar ampla visibilidade midiática durante as manifestações sociais de junho de 2013, lideradas pelo Movimento Passe Livre (MPL) que pleiteava o aumento das passagens de transporte público em diversas capitais do país. Inicialmente criticada pelo *JN*, nota-se uma mudança de tom do telejornal assim que percebe uma alteração na bandeira do protesto, com questionamentos sobre a inflação, aumento do custo de vida e corrupção, associadas e dirigidas ao Governo Federal (SOUZA, 2016). O *Jornal Nacional* foi precursor ao associar a queda de 27% da popularidade da presidente petista às manifestações populares<sup>5</sup>.

Durante o período de reeleição de Dilma (PT), em novembro de 2014, o *JN* veiculou uma série de vazamentos seletivos, como trechos de depoimentos que acusavam membros do Partido dos Trabalhadores de participação no esquema de corrupção da Operação Lava Jato<sup>6</sup>. No período que antecedeu o *impeachment* da ex-presidente petista, Dijk (2016) publicou pesquisa em que aponta inúmeras estratégias discursivas usadas pelos jornais *O Globo* e *Jornal Nacional*, com o intuito

<sup>5</sup> Pesquisa Datafolha, publicada em 29 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>>. Acesso em: 17 de dez. 2018.

<sup>6</sup> Investigação da Polícia Federal Brasileira referente a desvio e lavagem de dinheiro, envolvendo a Petrobras, políticos e empresários de empreiteiras tradicionais.

de legitimizar o que o autor nomeou de um golpe à direita. Durante a pesquisa, o autor (2016) visualizou o uso de léxicos negativos, ao exagerar no tamanho das manifestações contra o PT e a Dilma, apostar em uma demonização seletiva do PT e do ex-presidente Lula (PT), investir na celebração de que a “rua” era a favor do *impeachment*, desconsiderando os movimentos contrários ao golpe, além reiterar noções de legalidade e ilegalidade ao se referir a alguns grampos telefônicos. Com o *impeachment* de Dilma (PT), o *Jornal Nacional* manteve um enquadramento favorável a Michel Temer (MDB), que assume o poder com a missão de emplacar uma agenda neoliberal, que avança com reformas estruturais, como a trabalhista e cortes nos gastos públicos (PEC 241). A suposta relação harmoniosa entre Temer (MDB) e a Organizações Globo sofre um abalo quando o jornalista do jornal *O Globo*, Lauro Jardim, publica um furo de reportagem, no dia 17 de maio de 2017, que traz áudios que denunciam uma atuação ilícita de Temer, corroborando com um amplo esquema de corrupção ao lado dos donos da empresa produtora de proteína animal JBS (FERNANDES et. al., 2018).

## 5. Análise de Conteúdo: sabinas do JN nas eleições de 2018

Para responder a questão central deste trabalho, ou seja, se as sabinas do *Jornal Nacional* constituíram uma narrativa e uma prática jornalística de sedimentação da mídia como quarto poder, opta-se pela aplicação da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Com as ferramentas oferecidas por esse método, foi extraído, por meio de blocos de assuntos, cada roteiro aplicado nas entrevistas, permitindo compará-las e extrair inferências sobre como as mesmas se desenvolveram.

Para elucidar a análise, identificaram-se as perguntas centrais da sabinas, das quais se desenrolaram outras réplicas ao longo do mesmo tema. Deste modo, foi possível analisar cada bloco temático, ou seja, cada parte da entrevista que se manteve sob o mesmo assunto e, portanto, favorecendo a categorização. Essa estratégia analítica foi aplicada em virtude da natureza do objeto. Por ser uma entrevista longa e de constante confrontação e interrupções, não cabe uma análise isolada de cada pergunta, o que deixaria a análise fragmentada.

Segundo a autora (2011), para coerente aplicação da metodologia, a investigação deve seguir as três etapas durante a análise das informações e mensagens estipuladas, sendo elas: a pré-análise – baseada na observação de cada uma das entrevistas; a exploração do material – constituída pela decupagem das sabatinas, quantificação do tempo, divisão dos blocos temáticos e sistematização dos mesmos; e o tratamento e interpretação dos resultados – organização das tabelas de análise com a categorização da mesma e as inferências adquiridas a partir dos resultados.

### **5.1 Categorias**

Após a identificação dos blocos temáticos e extração do roteiro de cada sabatina, foram identificadas cinco categorias de análise, que motivaram as questões feitas.

A – Plano de Governo/Visão Social: são os questionamentos que reverberam na discussão de um tema político que pode estar relacionado aos planos do candidato ou a sua visão ideológica sobre a temática, constituindo o debate iniciado pela pergunta num diálogo sobre temas de interesse social.

B – Corrupção: questões voltadas à confrontar o candidato com casos de corrupção que possam envolver o próprio entrevistado, seu partido ou aliados. Aqui também são tratados os chamados escândalos políticos.

C – Atribuições Pessoais: abordagem sobre atribuições de personalidade e atuação que possam incidir na dinâmica do fazer político.

D – Vida política pregressa: referência central à atuação do candidato em cargos ocupados anteriormente.

E – Alianças Políticas: questões sobre alianças e acordos políticos para a candidatura e possível governo.

### **5.2 Contextualização das Sabatinas**

As sabatinas do Jornal Nacional foram exibidas ainda no início do primeiro turno das eleições de 2018, de 27 a 30 de agosto. A exceção foi a entrevista de Fernando Haddad, confirmado tardiamente como candidato e entrevistado em 14 de

setembro<sup>7</sup>. A Rede Globo promoveu outras sabatinas em seus telejornais, mas reservou a seu veículo de maior audiência as primeiras entrevistas.

Foram convidados os candidatos mais bem colocados na última pesquisa Datafolha de então. O ex-presidente Lula liderava as intenções, mas a bancada ressaltou que ele não seria entrevistado uma vez que cumpria pena em Curitiba, o que impediria sua presença. A abertura das sabatinas ressaltou que o objetivo das mesmas era tratar dos pontos que mais marcavam cada candidatura, questionar assuntos polêmicos e tratar da viabilidade de alguns pontos dos planos de governo.

A repercussão das mesmas foi de grande impacto, porque ajudaram a dar o tom das eleições em uma série de assuntos abordados. O grande tempo destinado às mesmas também mereceu destaque, uma vez que totalizou mais tempo do que muitos candidatos tiveram em suas próprias propagandas na TV <sup>8</sup>. Foram 27 minutos de entrevista, além de um minuto para considerações finais onde cada candidato respondia a pergunta: “Que Brasil você quer para o futuro?”.

Vale ressaltar que, como o foco foi a dinâmica da sabatina, optou-se por desconsiderar esse apêndice da entrevista, onde cada candidato fez o uso do modo como achou adequado. Abaixo a tabela 1 aponta os temas elencados pelo *Jornal Nacional* e a tabela 2 indica o tempo dos jornalistas e dos entrevistados durante as sabatinas.

CATEGORIA POR BLOCO	OCORRÊNCIAS
---------------------	-------------

<sup>7</sup> O Partido dos Trabalhadores (PT) confirmou o nome de Fernando Haddad, então candidato a vice, como o candidato do partido a presidência no dia 11 de setembro de 2018. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) rejeitou, no dia 31 de agosto, o registro de candidatura do ex-presidente Lula que, condenado em segunda instância por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, foi enquadrado na Lei da Ficha Limpa.

<sup>8</sup> Para exemplificar como o tempo de exposição na grande mídia ganhou destaque, tomamos como exemplo o tempo destinado aos candidatos Jair Bolsonaro (PSL), Marina Silva (REDE) e Ciro Gomes (PDT) no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. Os candidatos tiveram 8, 21 e 38 segundos respectivamente em cada bloco. Ainda que fossem dois blocos diários por três vezes na semana, esses candidatos não tiveram o mesmo tempo de exposição no primeiro turno do que o que tiveram somente nessa sabatina. Disponível em: <<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/resolucao-23551-nova>> Acesso em: 26 de março de 2019.

Plano de Governo / Visão Social	6
Corrupção	9
Atribuições pessoais	2
Vida política pregressa	9
Alianças Políticas	7

TABELA1 – Categoria por Bloco

FONTE – Dos autores

<b>SABATINA JAIR BOLSONARO</b>		
TEMPO TOTAL	TEMPO JORNALISTAS	TEMPO CANDIDATO
27'46"	11'59"	15'47"
<b>SABATINA GERALDO ALCKMIN</b>		
TEMPO TOTAL	TEMPO JORNALISTAS	TEMPO CANDIDATO
28'02"	12'22"	15'40"
<b>SABATINA CIRO GOMES</b>		
TEMPO TOTAL	TEMPO JORNALISTAS	TEMPO CANDIDATO
27'12"	12'24"	14'48"
<b>SABATINA MARINA SILVA</b>		
TEMPO TOTAL	TEMPO JORNALISTAS	TEMPO CANDIDATO
27'24"	10'34"	16'50"
<b>SABATINA FERNANDO HADDAD</b>		
TEMPO TOTAL	TEMPO JORNALISTAS	TEMPO CANDIDATO
30'08"	14'11"	15'57"

TABELA 2 – Tempo das sabatinas – candidato x jornalistas

FONTE – *Jornal Nacional*

### 5.3 Características Gerais descritivas

O tom incisivo das questões, a constante postura de apontar contradições e o estabelecimento de uma dinâmica inquisidora foram características centrais das sabatinas do *Jornal Nacional*. O jornal, aliás, atrai a si a imagem de representante dos interesses nacionais e cria uma relação com as eleições 2018 onde sua postura tenta passar a ideia da neutralidade.

Há pouco espaço para a discussão propositiva, uma vez que as questões relacionadas aos planos de governo foram feitas não para saber a opinião dos candidatos sobre, mas em tom de questionar a viabilidade ou apontar contradições. A abordagem de temas propositivos ficou a cargo de cada candidato que, utilizando-se de técnicas de assessoria ou seu próprio traquejo político, desviavam da centralidade da pergunta – não sem serem interrompidos e inquiridos a responderem sobre a contradição apontada.

Essas características corroboram o que aponta Albuquerque (2008) sobre o modo como o sistema midiático do Brasil estrutura sua atuação no campo político:



um poder moderador. Tal fato fica evidenciado em vários momentos das sabatinas, quando a Rede Globo foi tratada pelos próprios candidatos como um ator político.

Foi o caso de Jair Bolsonaro, que citou o apoio de Roberto Marinho ao golpe militar de 1964 e a citação feita por Fernando Haddad sobre investigações feitas na justiça contra a emissora. As falas foram prontamente repelidas pelos jornalistas, mostrando preparo para a situação e estabelecendo um tom de debate e sustentando um discurso que pretende separar aquilo que é a atuação do veículo com a política – apresentada em sua face mais contraditória e bastante negativa.

Para efeito de comparação, segue o quadro geral de cada entrevista analisada.

### 5.3.1 Ciro Gomes

O candidato Ciro Gomes (PDT) foi o primeiro entrevistado, no dia 27 de agosto, sendo confrontado com vários temas relacionados à seu histórico político, conforme tabela 3.

SABATINA CIRO GOMES		
BLOCO	TEMA ABORDADO	CATEGORIA
1	Críticas à Lava Jato e ao Ministério Público	Corrupção
2	Denúncias envolvendo Carlos Lupp	Corrupção
3	Contradição entre ciência de corrupção nos governos petistas e não denúncia / Relação com Lula e PT	Corrupção
4	Endividamento da população e proposta de retirar brasileiros da inadimplência	Plano de Governo / Visão Social
5	Condução da política de segurança pública no Ceará	Vida Política Progressista
6	Aliança com a vice Kátia Abreu	Alianças Políticas
7	Governabilidade	Alianças Políticas

TABELA3 – Principais temas da entrevista do candidato Ciro Gomes (PDT) no *Jornal Nacional*  
 FONTE – *Jornal Nacional*

A corrupção foi a categoria dos três primeiros blocos de questionamento dirigidos ao então candidato. Num primeiro momento, Ciro foi confrontado com declarações em que criticou a Operação Lava-Jato e o Ministério Público. Depois, as denúncias de corrupção envolvendo o presidente de seu partido, Carlos Lupp

(PDT), foram citadas ao questioná-lo sobre sua confiança no político. Por fim, outro tema que envolve a corrupção: a relação de Ciro com o PT e o ex-presidente Lula.

Dois temas políticos de interesse público foram abordados: o endividamento da população brasileira e a segurança pública. No entanto, a construção das questões foi direcionada ao confronto. Sobre a dívida, a bancada questionou a viabilidade de se implementar a proposta citada pelo candidato de ajudar brasileiros inadimplentes à terem seus nomes retirados dos bloqueios de crédito. A segurança pública do Ceará, estado que Ciro já governou, foi citada como um caso negativo de piora, o que ajudou a apontar problemas em sua “Vida Política Progressa”.

As alianças também foram tema da sabatina, sobretudo a falta de maior apoio político, como foi o caso da constituição de chapa única, tendo Kátia Abreu como vice, e o questionamento sobre um possível futuro governo na relação com o congresso e os partidos.

Sendo a primeira entrevista, o tom acabou dando início a um padrão que seria repetido nas demais. Embora não tenha havido um roteiro similar e espelhado para todos os candidatos, a postura da bancada foi semelhante e muito do que se deu também foi inserido pelo desempenho do candidato. Ciro, por exemplo, aproveitou os questionamentos sobre seu plano para detalhar algumas propostas, o que fez dele o candidato que mais acionou falas propositivas entre aqueles que participaram das sabatinas.

### 5.3.2 Jair Bolsonaro

O então candidato Jair Bolsonaro (PSL) foi o segundo entrevistado, no dia 28 de agosto. Foram identificados sete blocos temáticos em sua sabatina, conforme tabela 4.

SABATINA JAIR BOLSONARO		
BLOCO	TEMA ABORDADO	CATEGORIA
1	Críticas do candidato à chamada “velha política”	Vida Política Progressa
2	Relação com Paulo Guedes	Alianças Políticas
3	Igualdade salarial entre gêneros	Plano de Governo / Visão Social
4	Leis Trabalhistas	Plano de Governo / Visão Social
5	Homofobia	Atribuições Pessoais

6	<i>Modus Operandi</i> das forças de segurança	Plano de Governo / Visão Social
7	Alianças políticas com militares e declarações do candidato à vice, General Mourão	Alianças Políticas

TABELA4 – Principais temas da entrevista do candidato Jair Bolsonaro (PSL) no *Jornal Nacional*  
 FONTE - *Jornal Nacional*

Declarações consideradas polêmicas do candidato motivaram a maioria das questões, que acabaram trazendo à tona temas políticos que pediram posicionamento do entrevistado. Foi o caso da categoria predominante nessa sabatina: “Plano de Governo/Visão Social”. Ela permeou perguntas sobre igualdade salarial de gênero, leis trabalhistas e o modo de agir das forças de segurança pública. Com relação à categoria “atribuições pessoais”, Bolsonaro foi inquirido a responder sobre homofobia – a diferença, neste caso, é que o questionamento foi voltado à sua personalidade, onde foi interrogado sobre ser ou não homofóbico com base em declarações anteriores.

A “Vida Política Progressiva” foi abordada logo no início da sabatina, quando o candidato foi perguntado sobre sua atuação de quase 30 anos na política e confrontado com suas críticas ao que chama de “velha política”. As “Alianças Políticas” motivaram dois blocos temáticos, onde Bolsonaro foi perguntado sobre a relação com o indicado à ministro da economia, Paulo Guedes, e seu candidato à vice, General Hamilton Mourão (PRTB).

A postura de Bolsonaro foi reativa. O então candidato foi o que mais atacou terceiros ou os próprios entrevistadores, ajudando a dar o tom de debate e fomentando momentos em que a própria jornalista Renata Vasconcellos deu declaração pessoal para respondê-lo <sup>9</sup>. A atuação de Bolsonaro mostra como os atores políticos se preparam para atuarem na arena midiática. Além das estratégias de desempenho na TV, como a confrontação, o candidato se coloca como um crítico

<sup>9</sup> Jair Bolsonaro, ao ser indagado sobre igualdade salarial de homens e mulheres, citou os jornalistas da Globo e sugeriu que Renata Vasconcellos ganhava menos do que Willian Bonner, editor chefe do *Jornal Nacional*. A jornalista o respondeu de modo pessoal e afirmou que seu salário não era tema de domínio público e que ela jamais aceitaria receber menos que um colega que desempenhasse a mesma função. O momento teve grande repercussão nas redes sociais.

à própria grande mídia, convidando os próprios eleitores a verem outras versões sobre os assuntos em suas redes sociais.

É notório o fato do mesmo ter feito uma transmissão ao vivo em seu *facebook* para apresentar um livro que Willian Bonner se recusou a mostrar, devido às regras da sabatina. O encarte foi denunciado pelo então candidato como algo inapropriado para crianças e que estaria sendo distribuído nas escolas brasileiras.

### 5.3.3 Geraldo Alckmin

Geraldo Alckmin (PSDB) foi o terceiro entrevistado, no dia 29 de agosto. Ele respondeu à sete blocos temáticos, conforme tabela 5.

SABATINA GERALDO ALCKMIN		
BLOCO	TEMA ABORDADO	CATEGORIA
1	Alianças com “centrão”	Alianças Políticas
2	Corrupção nas obras do Rodoanel	Corrupção
3	Política de segurança em SP – expansão do PCC	Vida Política Progressa
4	Obras de mobilidade não entregues no governo paulista	Vida Política Progressa
5	Déficit Habitacional em SP	Vida Política Progressa
6	Modelo de OS na Saúde Pública	Plano de Governo / Visão Social

TABELA5 – Principais temas da entrevista do candidato Geraldo Alckmin (PSDB) no *Jornal Nacional*  
FONTE - *Jornal Nacional*

O desempenho do tucano à frente do Governo do Estado de São Paulo deu a tônica de grande parte da entrevista. Deste modo, embora as perguntas abordassem diversos temas políticos de interesse, o foco se deu no questionamento de números negativos do governo e no desempenho do político como governante. Por isso, predominou a categoria “Vida Política Progressa”, presente em três dos seis blocos temáticos.

A corrupção também foi tema de questionamento envolvendo a atuação do ex-governador, especialmente nas obras do Rodoanel. As “Alianças Políticas” se referiram ao questionamento sobre o acordo de Alckmin com os partidos do “centrão”<sup>10</sup>. Somente no questionamento sobre os modelos de Organizações

<sup>10</sup> O centrão é uma associação de partidos que buscam se identificar como centro político, não aderindo à rotulagem nem de esquerda ou direita, mas que, na

Sociais na Saúde é que houve espaço para o candidato divagar mais sobre um tema específico de interesse social sem ter a atuação no governo como principal direcionamento, ainda que também tenha sido motivadora da questão.

Assim como Ciro Gomes, Geraldo Alckmin encontrou espaço para detalhar propostas de seu plano de governo. Foi também o candidato que mais fez uso da defesa de seu histórico de atuação política, não apenas em virtude das perguntas, mas também de sua preparação para a entrevista e estratégia de usar sua experiência no governo como principal mote da candidatura.

### 5.3.4 Marina Silva

Marina Silva (REDE) foi a quarta entrevista, no dia 30 de agosto, conforme tabela 6.

SABATINA MARINA SILVA		
BLOCO	TEMA ABORDADO	CATEGORIA
1	Articulação da Rede Sustentabilidade	Vida Política Progressista
2	Falta de firmeza em posicionamentos	Atribuições Pessoais
3	Apoio à Aécio Neves em 2014	Corrupção
4	Investigações com relação à campanha de Eduardo Campos	Corrupção
5	Coligações estaduais da Rede	Alianças Políticas
6	Coligação com o PV	Alianças Políticas
7	Relação com a bancada ruralista	Plano de Governo / Visão Social

TABELA6 – Principais temas da entrevista do candidato Marina Silva (REDE) no *Jornal Nacional*  
 FONTE - *Jornal Nacional*

A candidata foi confrontada com relação a vários temas de seu passado político. Para isso, foi inquirida a respeito da articulação do partido que fundou, a Rede Sustentabilidade, além de ser questionada sobre uma possível falta de firmeza em posicionamentos, categorizado aqui como “Atribuições Pessoais”.

prática, atuam sob interesses próprios, considerados por muitos como fisiologistas. O termo ganhou força com a organização de um grupo político forte sob a liderança do então presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Eduardo Cunha (MDB), em 2015. Esses partidos tiveram centralidade no *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff e representaram a principal força de sustentação do governo Michel Temer (MDB), atuando para barrar duas denúncias contra o mesmo no plenário.

A “Corrupção” deu o tom de dois questionamentos, sendo um sobre o apoio a Aécio Neves (PSDB) nas eleições presidenciais de 2014 e outro sobre investigações na campanha de Eduardo Campos (PSB), da qual ela foi candidata à vice, também em 2014<sup>11</sup>. A coligação com o Partido Verde (PV), pelo qual Marina foi candidata à presidente em 2010, também foi questionada, assim como a relação com a bancada ruralista, já que a candidata tem um discurso ambientalista que entra em confronto com o pensamento dessa casta política de forte representação parlamentar. Marina conseguiu atrair a si o maior tempo de fala dentre os candidatos, embora tenha focado em esclarecer cada questionamento sem muito espaço para adentrar em proposições. Ela buscou dissociar a imagem de candidata frágil e se impôs com falas mais duras e objetivas sobre seu fazer, tendo inclusive atacado terceiros, como o PT e o próprio Aécio Neves, outrora aliado.

### 5.3.5 Fernando Haddad

O candidato petista só foi entrevistado no dia 14 de setembro. Ele foi confirmado como candidato oficial após a definição da Justiça Eleitoral com relação ao impedimento da participação de Lula nas eleições.

SABATINA FERNANDO HADDAD		
BLOCO	TEMA ABORDADO	CATEGORIA
1	Escândalos dos governos petistas	Corrupção
2	Críticas ao sistema judiciário	Corrupção
3	Citação de Haddad em delações premiadas	Corrupção
4	Derrota na tentativa de reeleição para a prefeitura de São Paulo	Vida Política Progressa
5	Gestão Haddad na prefeitura	Vida Política Progressa
6	Crise no governo Dilma	Vida Política Progressa

TABELA7– Principais temas da entrevista do Fernando Haddad (PT) no *Jornal Nacional*  
 FONTE - *Jornal Nacional*

Somente duas categorias foram acionadas na sabatina de Fernando Haddad. A “Corrupção” envolveu o debate sobre escândalos dos governos petistas, as críticas do partido à atuação do sistema judiciário e às delações envolvendo o

<sup>11</sup> Com a morte de Eduardo Campos (PSB), vítima de um acidente aéreo, Marina o substituiria no decorrer do pleito eleitoral, sendo a candidata oficial do Partido Socialista Brasileiro.

próprio candidato. A “Vida Política Progressiva” deu o tom de três assuntos abordados, sendo sua derrota na tentativa de reeleição para a prefeitura de São Paulo em 2016, a própria gestão do mesmo no cargo e a crise deixada pelo Governo Dilma, associada à Haddad enquanto membro do partido e também membro do governo.

Há dois tratamentos marcantes na sabatina: o PT enquanto protagonista de escândalos e as ações de Haddad enquanto prefeito rejeitado nas urnas. O candidato, que associa sua imagem à de Lula, defende o legado de seu partido, sobretudo no combate à corrupção, onde tenta estabelecer que a legenda foi a protagonista no fortalecimento das instituições.

## **6. Considerações Finais**

O Jornal Nacional, por meio dos jornalistas Willian Bonner e Renata Vasconcellos, vocalizadores da Rede Globo e da linha editorial do veículo, colocou-se como representante dos interesses da nação de modo transcendental ao próprio fazer político, trazendo a si um papel de qualificar os candidatos por meio de questionamentos formulados por insinuações claras sobre a atuação de cada um deles.

Para Albuquerque (2008), como já citado, essa postura ativa da mídia, atuando quase como um Poder Moderador, surge num contexto de enfraquecimento das instituições políticas, sobretudo os próprios partidos. Essa desconstrução é estabelecida no apontamento da fragilidade do sistema, das alianças e das instituições.

O período eleitoral de 2018 ocorre após uma das maiores crises políticas da história republicana brasileira. Neste contexto, o Jornal Nacional busca um afastamento editorial do pleito e assume, com base nas sabatinas analisadas, o papel de esteio moral da nação diante de uma política maculada. Toma cuidado para não se aproximar de nenhuma candidatura e fortalece a narrativa de que o campo político está manchado por corrupção – assunto de todas as sabatinas – e incapacidade de responder aos interesses da nação.

Se este trabalho aborda também a simbiose entre os campos da comunicação e da política, cabe ressaltar aqui também que essa aproximação tem suas tensões. Bourdieu (1989) lembra que a ameaça do funcionamento estável de um campo social provoca reações. A mídia, enquanto ator político, também questionada por parte do próprio sistema político, busca um confronto, especialmente ao se colocar como quem questiona sob a égide inquisidora.

Vários candidatos confrontaram a emissora, o que foi repellido de modo enfático pelos jornalistas. Esses fatos corroboram outra hipótese sustentada neste texto: estabeleceu-se nas sabatinas uma arena de debate – campo político e campo midiático em confronto.

Neste aspecto, o interesse público e o espaço para discussão de propostas foi relegado, sendo reservado apenas a momentos em que os candidatos conseguiram pautar essas temáticas em suas respostas.

No quadro<sup>1</sup> é apresentado um panorama geral sobre como as sabatinas construíram suas narrativas sobre cada candidatura e qual foi o principal mote reativo em meio ao debate que se estabeleceu.

Tópicos / Candidatos	Ciro	Bolsonaro	Alckmin	Marina	Haddad
<b>Imagem majoritária atribuída ao candidato</b>	Falacioso	Político tradicional e despreparado para lidar com assuntos polêmicos	Governante falho e representante da velha política	Frágil articuladora política	Representante de um legado de escândalos políticos sem precedentes
<b>Tipos de questionamento</b>	Replicatórios e subjetivos	Replicatórios e subjetivos	Replicatórios e subjetivos	Replicatórios e subjetivos	Replicatórios e subjetivos
<b>Postura majoritária do candidato</b>	Propositivo	Reativo/ Ataque	Esclarecedor/ Expositor de dados Propositivo	Esclarecedor	Esclarecedor/ Ataque

Quadro 1 – Principais temas da entrevista do Fernando Haddad (PT) no *Jornal Nacional*  
 FONTE –Dos autores

O tom replicatório se deu na série de interrupções feitas pelos jornalistas em todas as entrevistas. O padrão, com variações nas tratativas, já apresentadas na categorização de cada entrevista, se repetiu de maneira geral.

## Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. Another "Fourth Branch": press and political culture in Brazil. *Journalism*, v. 6 (4), 2005, p. 486-504.



\_\_\_\_\_, Afonso de. **A mídia como "Poder Moderador": uma perspectiva comparada**. In: XVII Encontro Anual da COMPÓS, 2008, São Paulo. Anais da XVII Compós, 2008

\_\_\_\_\_, Afonso de. **As três faces do quarto poder**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Comunicação e Política", do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG. Belo Horizonte, MG, jun. 2009.

ARAÚJO F. M. B., ALVES, E. M.; CRUZ, M. P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia**. v.1, n.1, p. 22-30, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGER, C. **Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais, as relações entre o Movimento Sem Terra e há Zero Hora**. 1996. 326 f. Tese (Doutorado) em Ciências da Comunicação – Universidade São Paulo, São Paulo.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DIJK, T. A. V. **Como a Rede Globo manipulou o impeachment da presidente do Brasil, Dilma Rousseff**. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Como-a-Rede-Globo-manipulou-o-impeachment-da-presidente-do-Brasil-Dilma-Rousseff/12/37490>>. Acesso em: 20 de dez. 2018.

FERNANDES, C. M.; CHAGAS, G. C; OLIVEIRA, L. A de. Novos passos do golpe: o enquadramento da Reforma da Previdência no Jornal Nacional. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 59-86, ago. 2018/nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: EdiçõesGraal, 1979.

GUAZINA, L. **Jornalismo em busca da credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2011.

LIMA, V. A. de. **Mídia. Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

MIGUEL, Luis Felipe. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. **Rev. Sociol. Polit.** [online]. 2003, n.20, pp.115-134. ISSN 1678-9873. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782003000100010>>. Acesso em 20 de março de 2019.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

SOUZA, F das N. A imagem do governo brasileiro pelo Jornal Nacional da Rede Globo nas eleições presidenciais de 2002 e 2010. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 12, n. 28, p. 173-180, maio/ago. 2011.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.